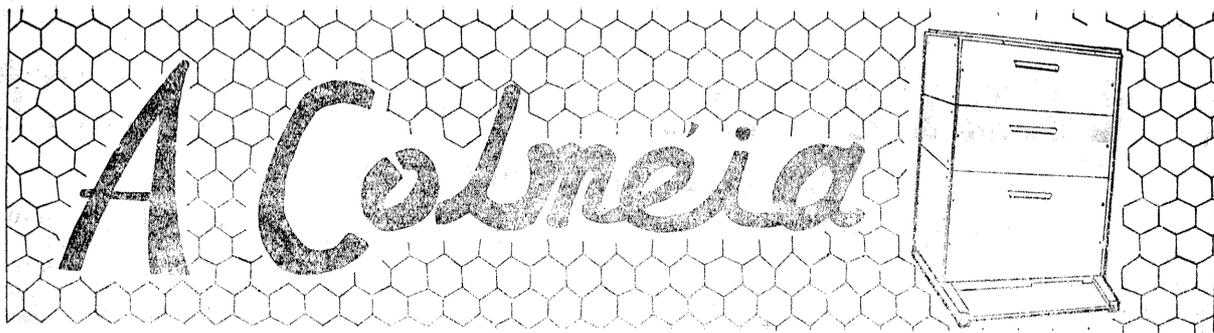


SE ESTÁS SATISFEITO COM "A COLMÉIA"
DIGA-O AOS SEUS AMIGOS, NÃO ESTANDO,
DIGA A MIM. PRESTIGIE E PROPAGUE-O.



ANO 1.º — SANTA MARIA, 1.º DE DEZEMBRO DE 1971 — Nº. 5

Jornal Técnico de Apicultura, Agricultura.
"Cultura e História"

Edição Mensal

Térmo de depósito do registro Nº. 1078

Assinatura anual: Cr. 10,00

Caixa Postal, 472 — Enderço telegráfico e fonográfico «A COLMÉIA» — Fone 2116

Proprietário: Diretor e Editor:

Bruno Schirmer

97.100 Santa Maria

Rua Duque de Caxias 1295

Rio Grande do Sul Brasil

EDITORIAL

O n.º 5 de "A Colméia" está em suas mãos, creio que já está consolidado, consagrado como órgão de ensino de apicultura.

Apesar que continuo lamentando, que o precioso espaço ainda tem que ser preenchido com explicações, para que todo povo brasileiro saiba o porque da decadência da nossa apicultura.

E uma grande verdade que, a alimentação da humanidade depende em 60% da apicultura, das abelhas!

Não é de balde que existem no mundo mais de seis mil obras, livros que ensinam apicultura.

Não é sem motivo, quando um povo mais evoluído, melhor cuida da apicultura do que os subdesenvolvidos. Não é de balde que o senhor Eurico Siqueira Gomes escreve, que os governos sempre se preocupam com as grandiosas obras, alias necessárias.

Não é sem motivo que um velho aposentado, comprou uma gráfica, exclusivamente para ensinar e mostrar o necessidade da apicultura.

Recem o n.º 5 de A Colméia vai ser distribuido em maior escala, para os não assinantes, os não assinantes, não vão ter a sequência de A Colméia, um número está ligado ao outro.

Até o n.º 6 ou 7 terei dado toda a explicação dos crimes contra a nossa apicultura, o n.º 5 não tem lugar para isto.

Recem no n.º 13 farei um retrospecto, o porque do surgimento de A Colméia, que foi dito no primeiro número, em defesa da apicultura, nada mais.

Ao meu ver o n.º 5 de A

Colméia vai decidir com antecedência muita coisa, primeiro preciso dizer que, não faço isto para mim, para mim faço somente sacrificio, tenho motivo para isto. O n.º 13 dirá. Talvez o n.º 13 será um número especial que sairá no dia 15 de Julho de 1972 ou faz parte dos números corridos, em 1.º de agosto de 1972, até aí corre muita água rio abaixo.

Bruno Schirmer

Atenção, muita atenção

Apicultura organizada contribui com 60% da alimentação da humanidade, pela polimização cruzada.

Sendo o mel e a cera somente um subproduto, que exclusivamente interessa aos apicultores e consumidores.

Alô, autoridades do Brasil!

Desde o Presidente da República aos vereadores das Câmaras Municipais.

Em primeiro lugar leiam;

Escreve o leitor

As duas cartas de Portugal e mais algumas páginas de A Colméia.

Alô Associações de Apicultura onde estão vocês? Para 38 Associações mandei para cada uma 15 exemplares do n.º 1 de A Colméia; Quem se manifestou? A Associação de Canoas, a Associação Gaúcha de Apicultores e a Associação de Apicultores de Guaporé

As outras associações todas onde estão? Sois tão grandes mestres que não precisais de um jornal orientador? Se não podeis pagar uma assinatura por Cr\$ 10,00

posso mandar a vós gratuitamente.

Alô Associações de Apicultura em organização, que se apresentaram em Taquari tão valentes para uma eleição ilegal, fazendo por maioria a platéia, votar o Presidente da Federação das Associações de Apicultura do Rio Grande do Sul.

Alô Federação das Associações de Apicultura do Rio Grande do Sul. Alô Presidente! Queira pagar ao 1.º Presidente desta Federação o que esta Federação deve, que o Presidente Bruno Schirmer financiou desde a fundação, financiou também o primeiro Congresso de Apicultura do Rio Grande de Sul, o que vocês fizeram pela apicultura?

O Brasil está emancipado já quasi um século, foi exportador de mel e cera, com a tutela estrangeira na apicultura virou importador deste produto.

Temos homens capazes de organizar a apicultura brasileira, se não são muitos, são poucos, mas temos.

Pelas manifestações pessoais, a A Colméia é um orientador e defensor da apicultura, que já está dando frutos.

A Confederação pagou o que devia ao ex-Presidente, com a fundação, Registro e outras despesas. Meu muito obrigado.

Alô alô; meus alunos de Apicultura onde estão vocês?

Resolvemos fazer a numeração das páginas de A Colméia em números corridos. Contando as páginas anteriores, começamos pelo n.º 5 com a pag. 53. No fim do ano, começara nova numeração, porém, o n.º de tiragem continuara, 13-14-15 etc. - O Diretor

O CAMPO DA VACA BRANCA

UMA LENDA QUE É REALIDADE

A Colméia vai trazer o esclarecimento de uma lenda "missioneira" chamada, o campo da vaca branca.

A primeira pergunta do leitor será, que tem que ver esta lenda com a apicultura?

Respondo: muito mesmo.

Eu já conheci a lenda faz muito tempo, faz alguns anos que li num livro editado pela Editora "Melhoramentos" Viagens através do Brasil, a coleção é de 13 volumes, (está esgotada). Viagens Através do Brasil, Rio Grande do Sul, não posso citar o autor e nem a pagina, porque emprestei este e muitos outros livros à "amigos" que nunca mais me devolveram.

Li o seguinte: que Dom Pedro II sabedor da lenda, mandou organizar um expedição, comandada pelo General Manoel Luiz Osorio, para, nas selvas do Rio Grande do Sul, procurasse esclarecer esta lenda, e localizar o campo da vaca branca.

O General Osorio, embrenhou-se matos dentro, não sei quanto tempo durou a expedição, voltou negativa.

Em vez do campo da vaca branca, achou na selva missioneira, um matos denso de erva mate. Findou a guerra do Paraguai ele recebeu o título: Marques do Herval, a história não afirma o porque.

Faz muitos anos que esta história martiriza meu cérebro, nunca tive oportunidade de publicá-la.

Hoje, esta história tem tão estreita ligação com a história da apicultura, que chegou a hora certa de publicá-la.

Onde fica este campo da vaca branca?

Na primavera de 1929 eu o descobri acidentalmente. Neste tempo, nem conhecia o fato de o Imperador Dom Pedro II ter mandado organizar no século passado uma expedição.

Agora, diante o fato que nossa apicultura foi tão duramente castigada por um "suposto cientista" que quiz procurar descobrir, no Brasil, o gens agressivo de uma abelha bastarda da África.

Se desculpa, como consta em diversas publicações brasileiras, como também num artigo exdrúxulo, publicado no n. 1 da Revista de O Apicultor, com o título de Solução é criar uma raça nova! Warwick Estevam Kerr, em

cujo artigo traz verdairas idiotices mentirosas dando demonstração de sua ingorância.

Vamos ao fato da lenda, que vou resumir o mais possível.

Foi em 1913, meu pai acompanhado por meu irmão Floriano, com 15 anos de idade, se embrenharam na selva do Rio Grande, passando por Porto Lucena, Santo Cristo, Santa Rosa, Campo Novo, Inhacorá, ali, fizeram duas canoas, e desceram o Rio Buricá até a cascata. Levaram 6 mezes nesta expedição, contrataram dois "mateiros" e levaram provimentos: dois sacos de sal, armas e ferramentas. As canoas eram grandes, viviam da caça, pesca e de mel, que havia com muita abundância nesta região. Este é o motivo de nossa história.

Nesta época chovia muito e os expedicionários tiveram dificuldades por causa das cheias do rio.

Pouco lhes importava o tempo; havia sal, peixe em abundância, caça de toda espécie e muita guabirova madura (fruta do matos), quando a lata do mel diminuía, porque cosinhavam sopa de peixe com mel.

Assim, meu irmão e o filho do mateiro, tomavam o machado, lata para colher o mel, e iam matos dentro; não demorava, achavam uma "Ouropa". Conta meu irmão que um dia acharam uma "Ouropa" em um alto cedro com um metro de diâmetro e disse ao mateiro; Esta árvore é muito demorada para derrubar, ao que o outro respondeu: que arqueada a árvore cairia logo. Revesando-se com o machado, realmente ela logo caiu e na queda rompeu-se o oco do pau, caindo os favos de mel, que foi só juntar.

Em resposta a minhas perguntas, sôbre as ferroadas, respondeu-me; que, em toda esta expedição de quantas ouropas furavam, sem fumaça, sem proteção, nunca receberam uma ferroadada.

Esta é a história que preciso contar.

Uma abelha, cinza, a Cárnica Brasileira não tinha inimigos nessa selva, não sabia usar o ferrão, selecionada pelos séculos, era mansa e produtiva,

Pelos homens inconcientes foi violada a lei da natureza, troxeram estupidamente a abelha italiana ao Brasil, que no segundo cruzamento com a nossa Cárnica

Brasiliã, rivalizava em ferocidade com a abelha africana.

Porém tinha a convivência pacífica com a nossa abelha, que absorvia sempre a italiana, por mais teimoso que os homens fossem em sua ignorância de trazer nesta terra uma abelha inconveniente entre a cárnica Brasileira.

Hoje mais do que nunca, estou em contacto com os apicultores, que unanimemente lamentam a extinção da nossa rica abelha.

Onde vamos parar? Não sabemos. Porém, estou recebendo notícias e aplausos pelo jornal "A Colméia" dizendo que já sentem o efeito do ensinamento desde o 1.º número.

Atribuem a melhora da apicultura à "A Colméia".

Eu creio e não me engano, que a "A Colméia" terá seu real valor após o 13.º número, não vai morrer no nascedouro, não.

Voltando a expedição após 6 mezes, meu pai voltou com uma grande experiência feita, e foi o marco inicial, da fundação da mais próspera zona colonial, Santa Rosa, que constituiu hoje dezenas de municípios, tudo no anonimato. Porém, nos anais do Palácio Piratini deve constar, como estou bem lembrado na época, de um requerimento: Pedro Schirmer indeferido!

Em 1920 já florescia a Colônia de Santa Rosa, emancipada.

Muito jovem ainda, 16 anos fui para lá com meu irmão, onde fizeram as canoas, lá ainda era selva.

Observei nesta época, nesta zona, quantos meliponídeos tinham sido destruídos. Em certas regiões tinha tantas árvores derrubadas, com sinais de aberturas de melanças como chamavam esta destruição.

E a história do campo da vaca branca?

Eis aqui.

Ao meu ver, o Marques do Herval chegou a menos de 20 quilômetros deste campo, quando desistiu da busca. Meu pai chegou a Porto Lucena e ninguém, até hoje, antes de ler estas linhas sabe que a celebre lenda do campo da vaca Branca, é nada mais, nada menos, do que hoje Município de Porto Xavier, antes Serro Pelado.

Continua na pág. 63

ESCREVE O LEITOR

S. Mamede de Infesta, 21 de Setembro de 1971 — Portugal

Exmo. Senhor

Prof. Bruno Schirmer

Rio G. do Sul — Brasil

Prezado Amigo,

Foi com grande prazer que recebi três exemplares de seu jornal «A Colméia» e apresso-me a dar-lhe os parabéns pela sua iniciativa.

A vida vai ser dura: No Brasil como aqui (e até nisso somos irmãos) ainda não se aperceberam do valor das pequenas grandes coisas, entre as quais a apicultura ocupa um dos primeiros lugares.

O mundo caminha para a fome, e por mais que se dê relevo ao valor das abelhas, na sua tarefa de polinizadoras só se dá valor às coisas grandes, uma grande parte das quais está concorrendo para a extinção da humanidade.

Certamente que vou tomar assinatura da «A Colméia» de que quero reunir os números, e assim, logo que me desloque ao Porto vou providenciar a remessa da respectiva importância, por intermédio de um Banco que se encarregue de fazer entrega aí.

Oxalá que os apicultores do Brasil saibam compreender a seu generoso esforço: ao fim de 15 anos só agora aqui principiam a compreender-me mas já será tarde, pois sinto-me desiludido pelo retardado andamento em que, tanto autoridades como apicultores, tomam resoluções. O mundo de agora pretende viver comodamente, sem trabalhar nem produzir e se a mocidade não muda de caminho muitos maus dias lhe estão reservados.

Um grande abraço e muito progresso para «A Colméia», são os melhores votos de «As Abelhas».

Com tóda a simpatia,

Eurico Sequeira Gomes

Cachoeira do Sul, 12/11/71

À Diretoria de «A Colméia»

Estimado Sr. Diretor Bruno Schirmer

Acuso ter recibo os primeiros números do vosso jornal «A Colméia»; pela atenção dispensada, fico muito agradecido.

Este vosso jornal, conforme se apresenta nestes primeiros números, deve ter um grande futuro: segue-se fiel o seu destino, o de preencher o vácuo que existe pela falta de um noticiário apícola que possui a energia e os conhecimentos técnicos para vencer a atual calamidade e transmitir a necessária orientação e o im-

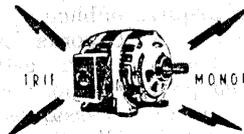
pulso para dar novo começo a apicultura com meios mais eficientes e provados, e não com experiências inadequadas como estas, que causavam o grande colapso da florescente apicultura de antes.

Para esta tarefa difícil, porém grandiosa, digo-vos: «Glück auf den Weg».

Com votos de estima e consideração:

João Ernesto Uhlmann

MOTORES ELÉTRICOS E EQUIPAMENTOS



PRONTA ENTREGA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA

FRIEDRICH & REOLON LTDA

AV. ALBERTO BINS, 869
FONE 24-5138 - P. A.

S. Mamede, 12 de Outubro de 1971

Prezado Amigo e distinto Confrade,

Acabo de receber a s/carta de 28 de Setembro que muito agradeço e embora com a promessa de novas notícias não quero deixar de vir já mostrar o meu reconhecimento pela sua generosa oferta. Ficamos assentes, pois, que também não pagará a sua assinatura de «As Abelhas» pois faremos permuta, e oxalá que o meu presado amigo consiga levar a sua nau a bom porto.

Os poderes públicos têm a sua culpa no abandono em que se encontra a apicultura. Só se preocupam com as obras grandiosas, de fachada, e esquecem-se das pequenas coisas em que assenta o porquê da vida.

No dia em que acabar por completo esta geração talvez o mundo se aperceba dos seus erros, do seu desmedido egoísmo e um errado sentido político em que, apesar de dizerem que desejam a aproximação entre os homens, só conseguem o desmembramento de tóda a Humanidade.

Um grande abraço e os desejos

de progresso e das maiores felicidades, são os meus votos sinceros.

Eurico Sequeira Gomes

Rio, 27/10/71

Presado senhor: Prof. Bruno Schirmer

Recebi o nº 3 de «A Colméia», embora não saiba a quem deva agradecer por isso, desconfio do meu amigo Fonseca mas, de qualquer forma sou grato.

Espero que o amigo possa acrescentar algumas melgueiras bem cheias de mel à sua Colméia daqui a algum tempo como fruto de seu trabalho.

Embora, como o amigo mesmo diz, haja erros na Colméia; acho que errar é humano e, só não erra, quem nada faz. O que também é um erro, contudo, estou de pleno acordo com o amigo.

Só combatendo a abelha africana e reintroduzindo ou seja importado as europeias poderemos voltar a produzir mel de novo e, para tal não é possível trabalhar-se com essas feras africanas pois que elas pela sua condição natural do clima de permanente primavera da africa, não tem necessidade de armazenar mel, daí aquela sua índole abandonatória de mudar-se quando o pasto está esgotado deixando a colméia com cria nos favos e até com mel inclusive. Abandona tudo simplesmente.

Já que o amigo empunhou a bandeira quero informá-lo de que não está só nessa cruzada.

Tenho certeza de que mais de 90% dos nossos apicultores não morre de amorés por essa droga africana e, só estava faltando um que desse o grito de guerra para ser logo seguido por uma grande legião. Posso assegurar que a Guanabara e Estado do Rio de Janeiro, salvo um ou outro iludido, ainda, pela cantilena já desmoralizada de alguns poucos que não manipulam abelhas mas falam e escrevem sobre ela, todos estamos do seu lado.

Adolfo Max

CASA DO MEL

GELEIA REAL E MEL PURO

IMPLEMENTOS PARA A APICULTURA

ORIENTAÇÃO E INFORMAÇÕES:

APICOLAS - Rua Garibaldi, 1086 - P. A.

Excursão à Europa em procura da abelha Nigra Apis Mellifica Mellifica

Capítulo IV

o major Hruschk, como se crê geralmente. O caso é que Hannemann divulgou tarde demais seu invento, muito tempo após ter inventado e experimentado.

A centrífuga do Hannemann é um luxo perto da centrífuga do major Hruschka. Em 1874, o Hannemann anunciou diversos inventos e parece que foi em 1880 que inventou a centrífuga e que Hruschka inventou em 1965; naturalmente Hruschka ignorava a existência de Hannemann e vice-versa.

Na década de 1870 e 1880 o Hannemann era tido na Alemanha, como o «alemão no Brasil», inventor e fazedor de épocas com seus inventos.

Antes da despedida, ainda informei ao Prof. Dr. Böttcher, que eu vim do Brasil, para ver e conhecer a abelha Nigra, da qual o Dr. Zander escrevera que ele obteve os melhores resultados, com esta abelha preta alemã, e agora visitei o Instituto e não a vi. O bom Dr. Böttcher disse-me: «Aqui em Erlangen, a abelha Nigra não existe mais esta foi substituída pela Cárnica, que é mais mansa e mais produtiva, porém em Celle o Senhor ainda pode encontrar esta abelha, como também a célebre abelha dos Ursais de Lüneburg, a Heidebiene. Com pesar, nossos antecessores importaram a abelha italiana, fizeram um grande mal à apicultura, que agora estamos substituindo com grandes gastos em tempo e dinheiro.

Esta semana ainda substituímos gratuitamente 200 rainhas, em redor de nosso campo de fecundação».

Ainda, antes de partir do Instituto, copiei uma poesia do Dr. Johannes Dzierzon, de um jornal apícola, onde o mesmo colaborou do ano de 1835 até 1885. Quanta preciosidade apícola ainda está escondida nesta biblioteca.

A chegada da noite e a estafa obrigaram-me a cancelar utilíssimas pesquisas. Chamei um táxi e fui para a estação central, para ir dormir em Munique, era só 3 horas de viagem de trem, com hotel e passagem gratuita.

Dia 9/8/66 — Pela manhã tomei o trem com destino à Stuttgart, cheguei às 14 horas, fui a um hotel e depois fui ao Ministério da Agricultura, ver meu amigo Andris. Ficou radiante e me apresentou a outras

autoridades do Ministério. Falamos sobre muitos assuntos, principalmente da Alemanha, seus trabalhadores e estudantes estrangeiros, sobre a inflação na Alemanha, Suíça e em todo o mundo. Recebi um recorte de jornal, com as inflações marcadas em percentagens. Lá figuravam os Estados Unidos, com 10%; a Suíça com 15%; Alemanha com 20% e outros e o recorde de inflação estava no Brasil.

Todos se admiravam como eu falava fluentemente o alemão, acho que muitos duvidavam que meus ancestrais vieram para o Brasil em 5 de janeiro de 1827, como consta na lista dos passageiros, hoje ainda conservado em arquivo público.

Dia 10/8/66 — As 6 horas embarquei em Stuttgart, com destino à Bonn, daí há pouco tempo, mais de uma hora de trem, passamos pela célebre planície do Alto Reno. Passamos por enormes plantações de fruticultura, paralela com a cultura do lúpulo. O lúpulo é plantado somente na planície, com um metro de distância de cada pé, com uma estaca de madeira forte, reta, de 5 a 7 metros de altura.

Nas colheitas das flôres amarelas, com pétalas largas, os trabalhadores, verdadeiros acrobatas, artistas de circo, trabalham, com as duas mãos, apanhando as flôres, em ponto de colheita, colocando-as em sacolas à tiracolo. Caminhando com pernas de pau, com diversas alturas, de modo que alcancem as partes mais altas, do cipó do lúpulo.

Lúpulo — «planta trepadeira (*Humulus lupulus* Linné), sua flor é empregada no fabrico de cerveja, é o que dá a cor amarelada e o gosto amargo. Tem plantações industriais, onde colhem toneladas de flôres, que são secadas em estufas especiais e prensadas em fardos, para exportação e consumo das cervejarias».

Enquanto o trem ia passando nas plantações de lúpulo e outras fruticulturas, meu pensamento estava nos pampas riograndenses e do Pianalto da Serra, onde o lúpulo podia ser produzido em grande escala, em vez de ser importado.

A planície do Alto Reno estava ficando para trás, surgiram as plantações dos parreirais, nas encostas das montanhas, todos parreirais estavam plantados em curvas de níveis, para evitar a erosão.

Mais perto de Reno, onde as montanhas são íngremes, os parreirais estão plantados em terraços, feitos com taipas de pedras, alguns com mais de 2 m de altura, tudo em pequenos terraços, cêrro acima. Aí se justifica o alto custo do vinho alemão, que varia de 6 à 16 marcos a garrafa, enquanto a garrafa de cer-

veja custa 35 centavos.

As cooperativas vinícolas pagam 3,00 marcos e 3,50 marcos por quilo de uva, para a fabricação de vinho. Mais tarde visitamos uma cooperativa vinícola.

Quem viaja Reno abaixo ou Reno acima a paisagem é a mesma, vê logo que a maioria dos parreirais são de pequenos proprietários, que vendem a uva ao fabricante, a granel, ou à cooperativa, que lhe garante o preço mínimo.

Enquanto o trem corria, sempre achava alguém para conversar e perguntar sobre o que se enxergava: afluentes, castelos, túneis, às vezes a rocha alcança até à água azul do Reno. Dali surgiram muitas lendas antigas, de heróis que saltaram, de 200 metros de altura na água fria do Reno. Para nosso conceito, as águas dos rios da Europa são sempre frias mesmo no verão.

Há uma estória ou lenda que um herói germano arrebatou a bandeira vermelha com a insígnia de Dragão de um Imperador romano e saltou da alta rocha, na água do Reno e sobreviveu. Abandonou a haste da bandeira e incinerou o pano e guardou a cinza em uma pequena bolsa como tolimão. Os romanos procuravam a bandeira, acharam a haste e o herói muito mais tarde foi queimado vivo, deixando um filho, que foi escondido e mais tarde tornando-se um grande herói, de um condado.

Entre esta conversa e outras observações, passamos pela margem esquerda, Reno abaixo. O destino nos reservou a graça de avistar, no outro lado do rio a célebre rocha, chamada Lorelei, onde o rio faz uma curva, com uma ex-perigosa cachoeira, onde a rocha alcança até a água do rio. A estrada e a ferrovia passam por um túnel, (nunca por um túnel só, sempre um túnel de ida e outro de volta, uma estrada e uma ferrovia é formada sempre por quatro túneis).

No tópa desta rocha existe hoje em dia um belvedere, para fins turísticos. Meus olhos puderam ver a célebre Lorelei, meu pensamento envolveu-se com a canção alemã: «Die Lorelei — Ich weiss nicht was soll es bedeuten, dass ich so traurig bin».

O trem ia avançando rio abaixo, por túneis e terrenos íngremes, plantações de parreirais. Além da Lorelei, logo passamos pelo rio Moselle, de onde também vem famosos vinhos. De cima da rocha Lorelei, descortina-se o vale do Moselle, onde o tópo das montanhas está todo coberto com matos, onde não há plantações de parreirais, só existe matos, rochas e muitos castelos antigos.

Ainda continuaram os parreirais de ambos os lados do rio, o trem ia avançando, rumo a Bonn. A serra de ambos os lados do rio começa a afastar-se do rio ou nós de trem e o rio está se afastando da serra do Reno central. A medida que se aproxima de Bonn, se alarga cada vez mais, até que em Bonn tem uma larga planície, onde começa o baixo Reno, desaparece de vista a serra.

Bonn, a nova capital da Alemanha é verdadeiramente uma linda e moderna cidade, com ruas largas, bem asfaltadas, linda ponte, nova no rio Reno. É um grande pórtio fluvial, com muitos navios navegando rio acima e rio abaixo. O rio, em Bonn tem mais de mil metros de largura, cheios de barcos compridos, alguns puxados por rebocadores e há muitos navios de turistas.

De longe se avista o colorido dos vestidos das turistas de todo mundo, principalmente das inglesas.

Cheguei em Bonn ao meio dia, parei no Hotel Astoria, pequeno como a maioria dos hotéis da Alemanha, paguei 18 marcos a diária, sem refeições. O café naturalmente, é pago em separado, custando 3 50 marcos pelo preço mínimo, acrescentado por 10% de serviço, cuja gorjeta já vem incluída na nota.

A tarde tomei o bonde e fui à um arrabalde de luxo de Bonn, em Bad-Godesbert, na Embaixada Brasileira, falar com o adido comercial brasileiro. Quem me atendeu foi um alemão que esteve certa vez por pouco tempo em São Paulo, falava mal o português.

Perguntei-lhe sobre algumas coisas, que eu queria comprar na Alemanha e despachar como bagagem desacompanhada. Eu queria saber o que precisava e fui à Embaixada brasileira, mais para ver um pouco do Brasil. Lá não vi nada, a não ser a bandeira do Brasil brasileiro não vi nenhum. No fim, falei alemão com o encarregado do serviço, que não sabia me informar o que precisava para mandar a bagagem desacompanhada.

Aqui eu lhe digo, Sr. encarregado na Embaixada Brasileira, que informe direito, se um tímido viajante lhe perguntar o que necessita diga-lhe que para despachar é preciso simplesmente pagar uma guia e o frete, e dentro de 30 dias após chegar ao Brasil, deve declarar o conteúdo da bagagem, para evitar o pagamento da multa. Eu fui obrigado a pagar, porque ninguém me informou disto, na Embaixada.

O alemão, Sr. Walter Grünert nunca ouvira falar que não declarando dentro de 30 dias, paga-se uma multa de dois salários mínimos. Por omissão do Sr. que atende este setor na Embaixada Brasileira, em Bonn, paguei a multa.

Despedi-me da Embaixada e voltei à cidade, onde passei o resto da tarde, caminhando pelas ruas, pórtio, pontes, tomando refrigerantes nos bares, sempre procurando alguém para conversar. Nem sempre eu dizia que era brasileiro nato, porque pela minha pronúncia alemã, ninguém notava que eu não era alemão.

Passei por uma praça, gramada, limpa, rodeada de seculares árvores. Lá havia um cidadão, que conversei com ele e em geral, não perguntava o nome. Geralmente eu andava rodeado quase sempre de pessoas idosas e aposentadas. Em Bonn, este cidadão mostrou-me o que nós chamamos de «palanque», para oradores em comícios. Disse-me que no referido palanque, uma vez por ano, autorizado pela democracia alemã, cada cidadão pode neste dia fazer um comício, dizer tudo o que ele quiser, ninguém o molesta. Pode elogiar ou xingar o governo, se ele consegue ouvintes é questão dele, assim como pode estar esta praça repleta de ouvintes.

É o dia da liberdade. Perguntei ao homem: «Liberdade de quê?» Ao que ele me respondeu: «Esta é a incerteza que nos rodeia, tomara que as potências de ocupação não abandonem tão logo o território alemão». Por que, insisti eu. «Porque o Oriente instiga a juventude contra o Ocidente, aí de nós, desprotegidos, seremos presa fácil do comunismo, que já está se infiltrando em toda a parte.

Com a Alemanha, periga então, o comunismo se alastrar por toda a Europa. Disse-lhe que no Brasil o comunismo é difícil de entrar estamos bem seguros, apesar de rodeados pela esquerda de muitos países sub-desenvolvidos, de onde o comunismo se alimenta, para escravizar a si mesmos.

Após esta palestra, tomei um táxi, fiz uma viagem pela cidade e arredores, indo novamente, até Bad-Godesberg. Conversando com o chofer, pedi que andasse devagar, que eu precisava apreciar a paisagem e conversar sobre a cidade. A tournée durou uma hora, paguei somente 15,00 marcos. Já era tarde quando voltei ao hotel, escrevi meus cartões, apontei o resumo dos acontecimentos do dia e dormi.

De todas as cidades eu enviava alguns cartões para os amigos do Brasil.

Dia 11/8/66 — Levantei cedo, tomei o café, paguei o hotel, chamei um táxi e fui à estação para tomar o trem para Colônia (Köln am Rhein). Demorava ainda uma hora para partir o trem e resolvi fazer um passeio pela cidade, de táxi, conversando com o chofer sobre a mesma. Fui até à altura de onde se avista a serra Sete (não as Sete Serras)

Siebengebirge, lá para os lados da fronteira francesa.

Embarquei no trem, sem conversar com ninguém, em uma hora eu estava em Köln am Rhein.

Deixei minha bagagem no depósito de malas, paguei 0,40 marcos fui à Catedral de Colônia. No famoso Kölner Dom, demorei-me, assisti a uma missa inteira, com muita fé, fé no futuro e devoção.

Após a missa, tomei um táxi e dei uma volta pela cidade, conversei com o motorista (o motorista de táxi é sempre um bom informante).

Köln é uma cidade muito mais antiga que Bonn, tem muitas ruas estreitas, um comércio maior que o de Bonn. É uma cidade muito maior, não tem casas grandes, arranha-céus somente com alturas inferiores a 4 e 8 andares. Não vi casas mais altas.

Defronte à Catedral estavam as enormes escavações para o futuro metrô, ruas com trânsito interrompido. Eles escavam e fundem as paredes das escavações com cimento armado, depois fundem as chapas por cima, no nível da rua. Asfaltam e depois, debaixo do asfalto correm as duas linhas de bonde, que tem nas paradas, as escadas para subir e descer, como tem hoje em dia em todas as grandes metrópoles do mundo inteiro. Posteriormente vi este tipo de metrô em Hamburgo, Paris, New York e Montreal.

Porém, em obra que pude verificar somente em Köln, vi «in loco» o andamento dos trabalhos com a dragas, os caminhões carregando a terra. Era puro cascalho de antigo leito do Reno, que há milhões de anos atrás era 10 vezes mais caudaloso do que hoje em dia. Em quase toda a planície do Reno tem cascalho, que é sinal que um dia foi fundo de um rio, quando o clima da Europa era tropical. Há lugares, onde o cascalho tem mais de dez metros com fina camada de terra por cima.

Todo cimento armado que vi na Alemanha é feito de cascalho, não de pedra britada, como nós usamos aqui no Brasil, porém deve haver pedra britada também, que não vi.

Há muitos rios e estes tem inextinguíveis jazidas de cascalho, areia e quartzo.

Em compensação, tem muitas montanhas de onde vem o cascalho, quanto mais longe, tanto menor é o cascalho, isto também acontece em Uruguaiana, no rio Uruguai.

Após comprar muitos cartões, voltei à Catedral de Colônia, onde eu queria subscrever os cartões em um banco da Catedral. Lá fui impedido de subscrever os cartões por um «domherr», com uma vestimenta vermelha. Tinha na mão direita, segura por um cabo, uma lata de 10 litros, para recolher as coletas dos visitantes. Eu já tinha dado o meu

FEITIO DE COLMÉIAS

Quantas vezes já se falou e escreveu sobre colméias? Em 1963, publiquei no Correio do Povo Rural artigos sobre feitos de colméias.

No mundo inteiro existe uma campanha para a unificação de um sistema único de colméias; eu digo com certeza, que vai permanecer definitivamente a babilônia de colméias. Agora que publiquei em «A Colméia» o preço das colméias, já constatei que cada um quer construir sua própria colméia, para sair mais barata.

Afinal, está aí «A Colméia» para informar.

O apicultor principalmente, sem uma vaga idéia, faz sua própria colméia e para estes vou dar uma orientação, que serve também para os fabricantes, que embora com boa vontade, não sabem fazer uma colméia direito. Em virtude disto e outras causas, resolvi vender minhas máquinas por um terço do seu valor, para que todos fabriquem suas colméias, com a minha instrução.

Para aprender a fazer nossas próprias colméias, temos que partir de um ponto, calculado matematicamente, tomando por exemplo a colméia Schirmer, em domínio público: a colméia Schirmer Temperada Industrial e a colméia Schirmer Tropical Doméstica. Ambas possuem 50 anos de adiantamento na concepção mundial de colméias. Daqui há 50 anos ela poderá ser liberada ao domínio público.

Se quisermos fabricar nossas próprias colméias, devemos partir do primeiro ponto: as medidas, universalmente, sempre são usadas as internas, as externas podem variar de acordo com a espessura da madeira. As tábuas devem obedecer uma espessura mínima e máxima. No Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo a espessura mínima deve ser de 22 mm e a máxima de 25 mm.

Em clima frio e em clima quente a espessura mínima é de 25 mm e a máxima é de 30 mm.

O que deve ser rigorosamente observado é a distância entre a parede lateral e da tampa com os caixilhos. A distância é de 6 mm e a máxima é de 7 mm.

Como é que se consegue esta medida certa? Sempre com um calibre, que pode ser feito em forma de garfo, para espessura.

Primeiramente, os caixilhos devem ser pregados de uma forma exata, isto é, numa tábua de comprimento certo. Cola-se e parafusa-se nos lados laterais dos caixilhos a pregar, em cada lado um sarrafo, com a distância certa de 13 mm me-

nos da largura da colméia, isto dá as medidas externas certas do caixilho. Para pregar, fixe os laterais com uma moла.

Os sarrafos usados para os caixilhos, somente a parte lateral deve respeitar rigorosamente a largura de 25 mm; a inferior não interessa muito, que de preferência devia ser um pouco mais estreita nunca deve ultrapassar os 25 mm de largura.

A espessura também deve ser rigorosamente respeitada, nunca deve ser menos de 8 mm. A altura dos caixilhos deve ser rigorosamente observada, uma vez colocados na colmeia, de forma que nenhuma pode ser mais alta e de modo que nunca sobressaia da parte inferior da colméia.

Quando se coloca uma colméia sobre uma mesa, os caixilhos não podem tocar na mesa. Assim, quando se coloca a tampa, deve ser observado, que fique um espaço certo entre o caixilho e a tampa, de modo que uma abelha possa transitar livremente, por cima dos caixilhos, sem ser molestada pela tampa.

Se o sarrafo superior do caixilho for mais espesso que 8 mm e o espaço for menor que 6 mm, então vai acontecer, que ao baixar a tampa, as abelhas que estão encima do caixilho vão ficar esmagadas.

Para evitar este mal, observa-se rigorosamente a profundidade do entalhe e o suporte do caixilho, que também na meigueira nunca sobressaia o caixilho.

Quando é muito estreito, a tábua ou formiga acna ali o seu abrigo. Quando esta muito largo, as abelhas razeem an um ravinho de cera, que incomoda o apicultor nas colmeias de mel; as abelhas encnem de cera o espaço largo e de propolis o espaço estreito.

O espaço observado, entre os caixilhos é de 10 mm ou de 35 mm ao centro ao centro do caixilho.

Um caixilho sem espaçador não se concebe em uma colméia. Os espaçador vai somente na incubadora, o caixilho largo da meigueira não pode ter espaçadores; para espessar estes, serve perfeitamente a ponta dos dedos do apicultor; ao ajeitar os caixilhos a unha do dedo indicador deve tocar levemente no caixilho da frente.

A largura dos caixilhos da meigueira também deve ser respeitada numa medida certa: nunca menos de 40 mm, nem mais de 42 mm; sempre 8 mm de espessura.

Para fazer os sarrafos, deve ser usado uma serra circular, não maior do que 25 cm de diâmetro e a afiação desta serra deve obedecer uma regra, sempre reta, no esquadro com a folha da serra, nunca uma «pon-

ta», por que estes dentes de ponta dão um corte pavoroso e áspero.

A melhor madeira para o fabrico das colméias é o cedro, mas o pinho também é bom. Há quatro tipos de pinho: o pinho vermelho e o marrom são os melhores; o pinho amarelo, forte e pesado, não serve para colméia, muito menos para caixilhos.

Por incrível que pareça, encontro pinho amarelo, cuja madeira contém tanta sílica, que não há serra que aguente. Depois da colméia feita, se empenam as tábuas laterais e os caixilhos, o fabricante é que leva a culpa.

A seguir, transcrevo as dimensões milimétricas, as quais são calculadas pela altura externa da colméia, de 295 mm.

Depois de testada durante 20 anos foi lançada com grande sucesso, a «Colméia Schirmer», cujas vantagens são as seguintes:

I — Fabricada conforme a prescrição, com as tábuas de pinho comercial Primeira ou segunda bem seca, não empena nem tem sobras de tábuas.

II — Nas competições com outras colméias, sempre deu 20% mais de mel.

III — Da muito menos enxames, com isto pode se controlar a seleção.

IV — Facilidade de manejo, tem só 12 caixilhos na incubadora.

V — Maior rendimento nas centrifugações, cada sobrecaixa tem só 8 caixilhos.

VI — Não precisa de arame nos quadros, não quebra os favos, no centrifugar, não precisa tela separadora, em condições normais não dá cria na sobre caixa, nem excesso de mel na incubadora, devido a divisão Harmonica.

VII — A tampa e fundo são feitas de tábuas de meia polegada com moldura, de forma que fica com estabilidade perfeita.

VIII — A colmeia Schirmer tem 42834 centímetros cúbicos de espaço útil e, 3000 cm cúbicos no assoalho do alvado, para ventilação.

IX — Esta é a colméia ideal para grande produção, pela sua «Divisão Harmonica».

Desvantagem: Não tem:

Usamos com muita vantagem os pregos Ardox, fabricados em São Paulo, segura mais, deve ser usado um nº mais na espessura, por ex. 17x27, em vez de 16x27, pregos para caixilhos Ardox vi somente 13x15 que é muito grosso, mas dá. Ardox devia fabricar para os apicultores, pregos 10x12, para os caixilhos.

Dimensões milimétricas:

Altura da colméia, 295 mm. Altura da sobre-caixa 147 mm. Largura 330 mm. Comprimento, 440 mm.

Comprimento da tampa, 490 mm. Comprimento da cabeceira e tabuas do fundo, 350 mm. Comprimento da lateral 486 mm. Comprimento da moldura do fundo, 580 mm. Largura da moldura do fundo 50 mm. Largura da tampa, 385 mm. Comprimento da travessa da tampa 380 mm. Comprimento do cepo do alvado, 329 mm.

Dimensões dos caixilhos: sarrafo de 8 mm de espessura e 25 mm de largura para a incubadora. Comprimento da parte superior, 349 mm. comprimento da parte inferior, 318 mm. Comprimento da parte lateral, 273 mm.

Para o sobre caixa: 8 mm de espessura e 42 mm de largura. Comprimento, das partes su. e inferior, idem da incubadora. Comprimento da parte lateral 125 mm. Pregos para os caixilhos, (Pontas finas) Gerdau, 8x12. espessadores de madeira, tipo piramide, com 9 mm de altura, 7 mm de largura, no pé com 40 mm de comprimento, na parte piramidal superior tem 5 mm. Pregos utilizados para a cabeceira 16x27 laterais, 15x24 fundo, 14x21 tampa, 15x18, para os espessadores, pontas finas 4x6. Na tampa precisa de uma ventilação com um furo de 14 mm de diametro fechado com uma trama.

Pelo conceito universal as medidas de colmeia são sempre internas.

A espessura das tabuas para a colmeia é de 23 mm (podendo variar) o entalhe para os caixilhos é 10 mm de largura por 14 mm de profundidade, circundado este entalhe as cabeceiras das laterais com 23 mm de profundidade.

A tampa é feita de 3 tabuas, a do centro tem 200 mm de largura, as dos lados tem 95 mm cada uma, machambreada, na montagem deve ser colada, além dos pregos das travessas.

O fundo é feito de 4 tabuas, machambreadas, que nunca criou uma traça nas frestas, pode ser feito de duas tabuas embutidas na moldura. Antes de pregar, as juntas da colmeia devem ser untadas com óleo (queimado) de carter de automóvel, principalmente as peças do fundo. O carbolineum é o conservante ideal. Prepare as tabuas como acima descrito. Monte a colmeia e verá que harmonia tem a «Colméia Schirmer», juntamente com a eficiência que supera nas competições.

Se houver um engano nas medidas da altura, coloca-se um sarrafo sobre as partes mais baixas e depois de seco, retifica-se com a serra.

Até aqui, viram o necessário mínimo, para fazermos as nossas colméias. As tábuas devem ser a-

plainadas por dentro, para que as abelhas sempre encontrem uma superfície lisa. Aplinar a colméia por fora é da estética, mas por dentro as tábuas devem ser até lixadas e se for possível, junta-se toda resina ou propolis, quando se lida com as abelhas.

O propolis é de muito valor, guarde-o em uma lata bem fechada e quando tiver um quilo, tendo feito muitas colméias novas, é de grande importância propolizar todas as colméias por dentro, principalmente a incubadora. O procedimento é o seguinte:

Um quilo de propolis é diluído com 3 litros de álcool retificado. Simplesmente, despeja-se o álcool na vasilha de propolis e em poucos dias estará tudo diluído. Remexe-se esta massa líquida, toma-se um pedaço de pano, imerja-o nesta massa e esfregue as tábuas internas das colméias (uma mão não é o suficiente). No dia seguinte estará pronta para o uso.

(Creio que o Antonius Stradivarius usava esta laca para seus célebres violinos).

Façam e usem uma colméia uniforme (isto deve ser feito em todos os países).

Se você quizer ou precisar de um favo com cria nova, para trocar rainhas mansas pelas raivosas, que lhe atacam em massa, e seu vizinho tem ainda uma cárnica mansa, este lhe dá um favo de cria com larvinhas e ovos, que você mesmo, dos, seus caixilhos enxertou.

Não há problema nas dimensões. Sendo os espessadores pregados certos, tendo o caixilho pregado na nossa frente, a parte superior para a frente, pregue um espessadorzinho bem na parte de cima, rente ao sarrafo superior, no sarrafo lateral, do lado direito. Tombe o caixilho e pregue outro espessador sempre no lado direito, de modo que fique de cada lado do caixilho um espessador.

Do jeito que você pegar o caixilho, sempre está certo, qualquer caixilho serve em qualquer colméia.

Dentro das colméias que conheço, as melhores são a portuguesa, a suíça e a soviética, conforme o livro «El Mundo de las Abejas», de I. Jalifmann, onde ele mostra na página 323 uma figura de colméia, cujas dimensões não são descritas.

O 1.º Congresso Estadual de Apicultura, aprovou por unanimidade o ensino obrigatório da apicultura nas escolas primárias municipais.

O Diretor

Excursão a Europa em procura ...

Continuação do cap. IV

marco de prata. O demônio vermelho se aproximou de mim e disse: «É proibido escrever aqui dentro do Domo os cartões». Sem dizer uma palavra retirei-me, pensando: Aqui não volto mais.

Agora, tenho um grande desejo de estar sentado num banco da Catedral de Colônia, escrevendo para fins históricos, esnderços e as lembranças da cidade maravilhosa, que os romanos já diziam: «quem não viu Colônia, não viu Germânia».

Fui aimoçar e lá aproveitei o tempo, escrevi os cartões, que mandei ao Brasil, devo dizer com sinceridade, que muitos cartões nunca chegaram ao destino.

Fui à estação central, que fica em frente à catedral de Colônia, perto do rio. Não demorou muito, partiu o trem para Hamburgo, que era o meu destino previsto para aquele dia.

Entrei no trem, no compartimento para 8 pessoas, havia uma poltrona vaga e bastante gente para conversar. Ao entrar, cumprimentei, dirigindo-me a todos e pedi licença. Levantei minhas malas, sentei, falei sobre assunto banal a quem quizesse responder. Havia uma senhora no grupo, muito loquaz, logo puxamos conversa sobre a paisagem e sobre a distância até a fronteira holandesa.

Passamos em Düsseldorf, grande cidade industrial, comentei: «parece que nesta cidade há somente uma casa com 14 andares». (eu tinha visto e contado). Fiz tantas perguntas, que somente um estrangeiro pode fazer. Passamos por outras célebres cidades e passávamos por uma fábrica de conserva de feijão no momento que um caminhão tombadeira despejava num enorme tanque, o carregamento de vagem. Esta eram lavadas automaticamente por enorme torrente de água.

Manifestei minha curiosidade sobre tudo o que se passava, vi enormes depósitos para guardar as bicicletas dos operários em longas filas, tudo novo, tudo curioso, só vendo e tendo alguma pessoa para perguntar. Quando chegamos perto de Bremen, a referida senhora disse: «Agora que estamos chegando ao destino, vamos nos apresentar». Após viajar 5 horas conversando, como se fôssemos velhos conhecidos, a senhora disse seu nome e seu endereço, todos os outros fizeram o mesmo, mas não anotei.

Todos eles olhavam para mim, que nesta altura estava calado, falei-lhes, agradecendo pela confiança e pelas informações que me deram

RETIFICAÇÃO

Quando no Editorial escrevi que o Brasil esta emancipado há quase um século, certamente refiro-me à apicultura e não à emancipação política.

A emancipação apícola do Brasil começou em 1870, quando o Sr. Frederico Augusto Hannemann escreveu, conforme encontrei no arquivado da apicultura, em Erlangen, as descobertas de «Um Alemão no Brasil que fez Epoca». Isto já faz 101 anos.

Quando escrevo sobre a tutela estrangeira, refiro-me à introdução de abelhas inconvenientes em nosso território, ainda por pessoas que ignoravam por completo que o Brasil tinha aclimatada a melhor abelha do mundo.

Quando fico agressivo, não é por ser «intratável», é simplesmente porque tenho em frente do meu escritório duas laranjeiras, que estavam cheias de flores, com aroma de mel. Vejo reluzir nas flores o límpido néctar.

De três apiários, consegui salvar 7 colméias mestiças, felizmente a italiana, com a cárnica Brasileira.

Perto das laranjeiras em flor havia duas colméias e cada uma deu

duas melgueiras de fino mel. Cada dia olhava para as laranjeiras em flor, via uma ou outra abelha e algumas irapuá ou tubuna, que não distinguo à distância.

Terminada a florada, o chão forrou-se de embriões de laranjinhas e nas laranjeiras ficaram algumas esparsas laranjinhas. Ai está o motivo porque fico irritado, é pelo fato de ter sido assassinada, impunemente uma florescente apicultura e a primeira culpa cabe à loira abelha da bota itálica.

Nunca deram valor ao que era bom em apicultura: melar, pegar enxames, sem uma ferroada sequer.

No fim da primavera de 1964, recebi uma carta, que dizia: «Acredite se quiser, hoje, 5 de dezembro, tirei a sétima melgueira, que estava repleta de mel.

Diante de tudo isto, e mais o que vi na Europa e Estados Unidos as informações que colhi e que pessoalmente vi.

Não é sem razão que chamo de bajuladores os escribas apícolas e de criminosos os destruidores da nossa apicultura. Perdoem-me alguns termos que preferiria não empregar, mas calar diante de tal barbaridade é covardia.

JUSTIFICATIVA

Recebi duas reclamações: A primeira é que eu estaria fazendo promoções pessoais. A segunda é que usaria demasiado a primeira pessoa do singular, o «eu».

Respondo que não é bem assim. Fiz muito mais pela apicultura, do que escrevi nas páginas de «A Colméia».

Sobre a segunda reclamação, entendo que se fui eu que trabalhei sozinho, durante anos, para fundar o jornal, como vou usar o plural, se não tenho auxiliares?

Se eu chegar numa loja e perguntar se tem fio de cobre trifásico e o balconista responder: Não tenho! Vou perguntar se ele é o dono da loja. Com que razão o empregado da loja diz eu não tenho, em lugar de dizer nós não temos, a loja não é dele.

Se eu tenho um jornal e sou o proprietário, o impressor, o paginador, fiz erros na composição, na paginação e muitos outros, entendo que não posso culpar uma segunda pessoa, se fui eu que fiz realmente tudo sozinho.

O dia que tiver um sócio, ou mesmo ajudantes pagos, que me ajudem, não irei empregar a primeira pessoa do singular. Aprendi que se é uma só pessoa, é pronome singular; se são duas ou mais pessoas é plural. Enquanto faço tudo sozinho, uso o pronome «eu», quando tiver ajudantes, usarei o pronome «nós».

Comparação: Se um ladrão é pegado em flagrante, furtando, e é interrogado, confessa o delito e diz: Nos roubamos, naturalmente a polícia quer saber quem e o seu cúmplice.

Entenderam por que o «eu»?

Também fui informado que algumas pessoas, com o jornalzinho «A Colméia» na mão, procuram os erros e dão risada. Deixam de olhar para os ensinamentos úteis, para procurar erros de redação ou gráficos.

A este respeito interpelei um cientista, escritor e historiador, perguntando-lhe o que achava do meu jornalzinho, tão cheio de erros, ao que ele me respondeu: «Nem tantos erros. Os que sabem escrever, não entendem do assunto nem escrevem, o senhor, pelo menos escreve e ensina numa linguagem que todos compreendem. Continue, que sairá tudo bem».

Com o 13º número, quando não houver mais déficit, vou convidar alguém para sub-Diretor e uns sócios, então seremos «nós» que faremos e escreveremos.

Agradeço muito aos informantes.

Rua Garibaldi, 1086

Pôrto Alegre

INFORMATIVO N.º 1

da CASA DO MEL

- 1 — O mel é um poderoso alimento durante o curso das enfermidades e acelera a convalescença das mesmas.
- 2 — Para as crianças de idade escolar, o mel é um alimento estimulante, de primeira qualidade, e protege-as contra as doenças da infância.
- 3 — O mel aplicado nas superfícies externas, ulceradas ou infetadas, tem um poder bactericida terminante devido a sua ação higroscópica.
- 4 — As crianças que se alimentam com mel no período escolar, terão um comportamento mais tranqüilo e atencioso, e não faltarão a tantas aulas.
- 5 — Sendo o mel uma substância alimentar já pré-digerida, será assimilado facilmente pelos organismos mais delicados, não é tóxica nem irritante.
- 6 — O mel é um excelente laxante: 1 - 2 colheres de sopa de mel em remólho num meio copo de água com limão em jejum. Não vicia, e quem o provar algumas vezes não o deixará mais pelo gosto agradável e eficiente resultado.
- 7 — Todo mel natural cristaliza uniformemente, é uma garantia de pureza, e quem desejá-lo líquido, poderá passá-lo pelo banho-maria, tendo o cuidado de não aquecê-lo além dos 70º, para não comprometer seu valor nutritivo.
 - Seu paladar confirmará a pureza do nosso mel.
 - Notável, o PH da geléia real e do mel, são idênticos ao PH do nosso sangue.
 - Tome sempre uma colher de mel ao deitar.

APICULTORES ALERTADOS CONTRA OS PERIGOS DE ABELHAS IMPORTADAS DO ESTRANGEIRO

Nikolaos Mitsiotis

Pesquisadores do serviço da Agricultura dos Estados Unidos estão preocupados, sobre uma possível introdução da doença de Acariose e da agressiva abelha africana. A lei de 1962 protege a indústria do mel nos Estados Unidos, proibindo a introdução de abelhas adultas dentro do território dos Estados Unidos, procedentes de todos os países estrangeiros, excluindo Canada.

A abelha africana pode tombar toda a indústria apícola Americana. Mesmo sendo uma produtora de mel, os odiosos costumes de ferocar e (atacar em massa), e enxamear da abelha africana, podem fazer da apicultura uma ocupação PERIGOSA. Para controlar esta abelha deverão ser feitas enormes mudanças nos métodos da apicultura nos Estados Unidos.

Além da preocupação da abelha africana, os apicultores também devem se inquietar, porque abelha importada, pode trazer a doença da acariose, as vezes chamada a doença da ilha de Wihgt, causada por um acarino microscópico que invade os órgãos respiratórios das abelhas. Este acarino tem efeito debilitante sobre a abelha individual e eventualmente conduz à degeneração e morte do enxame todo de uma colméia. O Acarapis Woodi, é trazido pela abelha adulta.

Os apicultores americanos tem um interesse, em ver que a lei de 1962, seja cumprida e reforçada.

A abelha africana já é um problema para os apicultores no Brasil e em outros países Latinoamericanos.

Um severo cumprimento desta lei de anti-importação, ajudará em manter esta abelha perigosa fora dos Estados Unidos.

Ainda onde erupções não são registradas, o país geralmente necessita efetivos procedimentos de quarentena de importação para proteger-se contra a introdução da acariose de abelhas. Os U.R.R.S. e a maioria das nações da Europa oriental tem registrados casos de ACARIOSE já antes de 1927.

Caro leitor, esta notícia que você acaba de ler é da revista apícola AMERICAN BEE JOURNAL, outubro de 1971, volume 111 Nº 10, pág. 377. Este jornal publica-se ininterruptamente durante 111 anos, é dos dois melhores e mais antigos sobre abelhas com circulação mundial.

Então nele você viu que os E. U. A. estão alertos contra a abelha africana que tanto se elogia aqui no

Brasil. Os Estados Unidos possuem 4.760.000 colmeias e tem um lucro direto em mel 108,886,6 toneladas anuais e de cera, conforme publicação na American Bee Journal de 4/1971, vol. 111-4 244,94 toneladas, aproximadamente. Mas os Estados Unidos tem lucro indireto muito superior pelo serviço de polinização cruzada por intermédio das abelhas. Calcula-se no valor de Cr\$.... 5,000,000,000,00 de dolares ou numa incrível soma astronômica de Cr\$ 27,500,000,000,00 de cruzeiros para a economia nacional Norte-Americana.

Mas eles, mesmo tendo a fama como boa produtora a abelha africana, que tanto se elogia e se promove aqui, os Norte-Americanos não a aceitam. Será que eles estão errados? Será que eles, com tanto progresso no ramo da apicultura são ignorantes e somente uma meia dúzia de mestres nacionais e inteligentes? E se é assim, onde estão os milhares de toneladas de mel? E onde estudaram estes mestres da apicultura? Que livros leram? Que livros escreveram? Será que eles não se lembram de vez em quando que nós nunca esquecemos de lembrar-se que eles não são mestres especializados e indicados para a era africana, mas continuam nos postos de fomento apícola ainda hoje por que estavam nestes lugares, e não por serem os iluminados e gênios de uma nova apicultura baseada numa abelha que os cientistas mais famosos e realmente capazes, detestam e reprovam.

Onde está o amor deles pelo Brasil? Onde está a cultura? Que Deus eles adoram? Esta confusão está chegando ao fim. O nosso Governo, muito brasileiro, dará um fim a esta confusão, por que, agora nós temos um jornal no qual podemos escrever a vontade. Não opiniões pessoais que geralmente são consideradas inválidas, mas opiniões de cientistas estrangeiros que tem um valor já comprovado. Por que, com a orientação deles foram alcançados progressos já universalmente conhecidos.

Com este jornal teremos a oportunidade de bater às portas dos gabinetes e escritórios dos nossos dirigentes, para lhes informar, e dizer-lhes a verdade. A verdade, que não pertence à quem tinha meios de divulgação das idéias próprias, mas à quem é honesto. Com honestidade, sinceridade, união, colaboração e espírito patriótico, nos conseguiremos informar bem os nossos dirigentes sobre o que se passa na apicultura.

Não nós interessa se os mestres agem assim para defender salários ou cargos. O que interessa é reerguer a apicultura brasileira. Somente isto. Nós não somos descontrolados emocionalmente para conti-

nuar num erro ou para se vingar de algum fraco mentalmente, porque somente fracos agiriam assim. Isto é fácil para nós perceber, lembrando o Judas bíblico, o qual, quando percebeu o crime que ele cometera, logo se suicidou. Este era um traidor forte com personalidade. Ele merecia elogio.

COLMÉIAS

Escrevi um livro intitulado «Colméias» e comprei uma gráfica, para editá-lo juntamente com o jornal «A Colméia».

Agora me dei conta, que para editar «Colméias», que teria repercussão mundial, é preciso pelo menos um cento de figuras e os clichês custam cada um de Cr\$ 10,00 até Cr\$ 40,00.

Quantos compradores teria? Fiz um cálculo pelos assinantes de «A Colméia».

Para o livro que está escrito: «Curso de Apicultura Para Escolas Primárias», preciso uns 300 clichês. Somente com 15.000 assinantes de «A Colméia» e clichéria própria, seria possível fazê-lo.

Digo aqui de passagem, para um ensino completo de apicultura, precisamos uns cinco livros novos, atuais e não traduzir a matéria do século passado.

Em um número próximo de «A Colméia» publicarei o prefácio do «Curso de Apicultura», que escrevi primeiro, o que contrariamente se costuma fazer. Faria depois um post-scriptum.

RECLAMAÇÕES

Temos em «A Colméia» um serviço de expedição bastante perfeito. Por exemplo: os assinantes que pagaram sua assinatura, logo que a última página sai da máquina, começamos a dobrar os exemplares. Estando os primeiros 500 exemplares dobrados, começamos a escrever, nominalmente os endereços e selar. Em cada nome no caderno, fazemos um traço, que representa o número expedido.

Porém pode ocorrer um lapso, que haja um erro no número da casa ou outro extravio do jornal.

«A Colméia» faz a seguir proposta: o assinante que até o dia 10 de cada mês não receber o respectivo número, nos escreva, que receberá imediatamente o número faltante e na volta do Correio, receberá um envelope selado, em retribuição às despesas feitas.

O estrangeiro ou nos outros Estados, onde a correspondência de superfície demora mais, que tenham mais paciência, porém, quem não recebeu seu número de «A Colméia», por favor, deve reclamar, que preferimos enviar dois exemplares, do que deixar faltar um.

ABELHAS AFRICANAS

por Armenio Alvim Barroso

3.ª continuação

Certa madrugada, um nosso colega, grande apicultor, rompeu o dia em nossa Sede. Vinha transformado a tal ponto, que parecia adementado, contou, agitado, que as abelhas africanas, em revoada de migração, tinham aportado á sua região (antes, éle se vangloriava de as não temer, porque só as conhecia de ouvir falar). Relatou que elas tinham feito uma raquia em suas dezenas de apiários; que, as Colméias fracas, foram todas exterminadas pelos enxames de africanas, mas sobretudo éle se mostrava apoplético e transformado porque, os enxames de africanas, farejaram seus apiários de criação e fecundação de rainhas (realmente grandes e muito bem organizados) e levaram tudo pela frente, matando-lhe rainhas matrizes de importação tão difícil que lhe custaram, algumas, á volta de dez doiares. Mobilizou seus ajudantes para dar caça aos enxames de africana, na extensa mata que circundava seus apiários. Matavam, em media, trinta a quarenta enxames até ao meio dia. Mas, seus auxiliares não podiam desviar-se de suas funções, na vasta organização apícola que possuía, e, também se desanimou porque, tempos depois, recomeçado a caça aos enxames por onde havia iniciado, verificou, surpreso, que novos enxames havia, e em esconderijos tão precários e expostos, que bem revelavam o quanto esta abelha é desordenada e aberrante do raciocínio das demais raças. Criando rainhas, substitui as rainhas dos enxames africanos, por rainhas de outras raças, mas, a interferência e predominancia dos zangões africanos (os mais aptos de todos) na fecundação, e pelos híbridos daqui resultantes, desanimou-se e teve de aceitar tal estado de coisas. Sua organização apícola, era de expressão na apicultura brasileira, conjugação de esforço e grande inversão de capital, em mais de cinco anos, com marca muito conceituada no mercado consumidor, instalações amplas, caros apetrechos modernos para esta actividade. As abelhas lhe deram uma próspera situação financeira. De mais de trinta toneladas de mel que colhia, antes da abelha africana, está hoje limitado a uns cinco mil litros. Colhia, antes, doze mil litros de mel da Assa peixe, e coíhe hoje, dessa florada, no reinado da africana, deu sete-

centos litros. Se ao menos fosse facil vender sua organização... Mas, quem se mete hoje com abelhas? Só quem tenha dinheiro para perder, quem não tenha idade para fazer outra coisa, quem, assim mesmo, não possa viver sem a companhia de abelhas pela afeição, que lhes tem, mas, quem tenha responsabilidade, há de meter a sabença no baú, e cuidar de ganhar a vida de outro modo. Nosso amigo, matuta para achar uma saída da apicultura, porque, diz éle, o cruzamento da africana, é uma "solução" parcial e muito precária, do longo e difícil problema da africana, que nunca mais, talvez, tenha remédio. Vimo-lo há dias. Muito mudado, sem aquele otimismo entusiante de outros outros tempos. Ia a caminho de adquirir produtos para confecção de rações para gado, em que está usando parte de suas instalações, num exodo gradativo e silencioso que dá pena.

Nós também sofremos, como nosso colega, os efeitos da visita da abelha africana, em nossa região. O gráfico de produção apresenta, a partir de 1961, uma curva decrescente, perigosa. Parece que as flores não segregam mais nectar. Não é isto. É a concorrência da africana. Por isto, pedimos orientação, dirigindo-nos ao Instituto de Investigação Agronómica de Angola. Tem lá o Governo português uma equipe de esplêndidos agrónomos, especialmente ocupados no estudo e fomento da apicultura daquela provincia, por ser Angola, um dos maiores produtores mundiais de cera. Nossa consulta foi pelo Instituto encaminhada ao Centro de Estudos Apícolas de Sacaala, cujo chefe, professor Vasco C. Veloso Branquinho, entre outras considerações, assim se manifesta sobre a abelha africana de Keer, na resposta que teve a amabilidade de nos dar; "Estranhamos que tenham introduzido no Brasil, país que vivia em paz e progresso apícola, uma abelha, sem primeiramente investigar, sou de parecer que se informe o signatário da carta em referência, no que respeita ao parágrafo sobre apicultura: 1.º Que ainda não se conseguiu, nem julga conseguir- pelo menos nestes próximos anos, já não dizemos séculos, diminuir a agressividade da apis melifica adansonii (africana); 2.º Que devem todos os apicultores brasileiros proceder á substituição das rainhas africanas por italianas, o quanto antes...". As informações do professor Branquinho, condizem com as do técnico Virgílio de Portugal Araujo.

O professor Branquinho, menciona a expressão "investigar sua indole", e isto sugere longa reflexão em torno da palavra "investigação". A propósito, vejamos o seguinte: o Governo português, proíbe a entrada de outras abelhas, em suas provincias ultramarinas, mas, esta abelha é tão ruim para se lidar com ela, que, a gente acha um contracenso que o Governo de Lisboa, não promova a sua substituição gradativa, por cruzamentos com outras raças. Pois não consente isto porque teme a entrada de doenças, coisa que lá praticamente não existe. Ora, as doenças das abelhas; mesmo de forma endêmica, podem hoje ser debeladas, mas, a transplantação de uma coisa providamente má, como as abelhas de Kerr, só por maldade se podia fazer, o que deliberadamente não ocorreu, queremos crer, senão pela insegura capacidade de investigação, a que nenhuma experiencia deve submeter se.

O mal, aqui está, entre nós. Têve um periodo de efervescência e repercussão no país, como ocorre nos organismos robustos, que repelem, com alvoroço, o ataque, mas que depois, sem condições de defeza, se entregam. A abelha africana, dá hoje pouco assunto a imprensa, porque porque ela já arrumou sua casa. Está, agora, como o virus da doença mais temível, roendo as entranhas da apicultura brasileira, e tal como nas concentrações vegetais, o fuste das árvores, delgado e sem préstimo, assim ela, pela concorrência de sua saturação, fará das colheitas, apenas um rocio gotejante. Brevemente tudo será seu, este imenso território.

Aconselha-se a substituição das rainhas africanas por italianas, para atenuar a gravidade do mal. É evidente que não há outro recurso para suportá-las, não é praticável. O pior do problema, nos cruzamentos, é a fecundação interferida pelos zangões africanos. Dêstes cruzamentos, resultam híbridos portadores de defeitos de origem, pela hereditariedade que sendo na abelha africana, cumulativa, os oriundos dela, por dezenas de gerações, ainda se apresentam com as características dominantes da espécie pura, a ferocidade e o nomadismo, seus piores inimigos. Exatamente por isso, é que diz o professor Branquinho, que ainda não se conseguiu, nem julga conseguir nestes próximos anos, já não dizemos séculos, diminuir sua agressividade.

(Continua no próximo número)

Abelhas Africanas e suas híbridas

Continuação da última página

o 2.º no ano seguinte, e alcançaram e mantiveram-se no 1.º posto nos tres anos seguintes, até o fim do experimento.

As Caucasianas ocuparam 20% das posições classificadas, as italianas alcançaram 32%, e as Cárnicas 40%, ou seja quasi tanto quanto as outras duas juntas.

Considerando os resultados do seu experimento comparativo e outras peculiaridades ligadas a enxameação e à propolização, bem como ao consumo de provisões de inverno, Park conclui: "Apesar dos resultados favoráveis à raça Cárnica, que surgem dos estudos realizados, nossa experiência nos leva a recomendar que, embora esta raça possa ser experimentada com êxito por uns poucos, é duvidoso que convenha importá-la repentinamente nos apiários; os apicultores que desejarem mudar de raça, deverão ensaiar a nova raça em pequena escala a principio, a fim de evitar os graves erros que provenham do manejo de abelhas com cujas particularidades não estejam familiarizados".

A Associação Veinticinqueña de Apicultores da Argentina, ("en" Gaceta n. 8, 1964) referindo-se à produção de abelhas Caucasianas, depois do 3.º ano de experimentos com esta raça, que está sendo introduzida no país latino, cita dois exemplos significativos; Humberto Viviani e Rodriguez Y Cenizo obtiveram, respectivamente 180 a 200 e 250 a 280 kg. por colônia.

Um abelhudo em Maryland

Quando eu conheci Bruno Schirmer, em 1950, através de sua filha, com quem me casei, era ele já um velho e experimentado apicultor. Trazia em sua bagagem, velhas feridas não cicatrizadas e entre elas o fato de ter idealizado uma nova colméia e de ter descoberto a selvageria da hibridação descontrolada entre as loiras abelhas da "bota" itálica e a já climatizada Apis Melifica Pirenayca.

Combatia ferozmente a introdução da abelha italiana e lamentava, profundamente, que o mestre Schenk, em suas teimosias germanicas, despertasse a italianização das abelhas trazidas há quatro séculos pelos jesuitas e pelos portugueses, desprezando, ele mesmo, as excelentes qualidades da "orc-

pa".

Este Bruno Schirmer, que até aos dezoito anos vivera no interior da colônia; sem chances para desenvolver suas imensas qualidades e seu interessante e invulgar modo de ver "as coisas", perseguiu sem conhecer fronteiras o seu ideal de fixar, no Brasil, a consciência da existência de uma verdadeira tribo apícola constituída de indivíduos provenientes da raça cárnica.

Sua tese, até poucos dias, caía sempre num vazio sem eco.

Foi à Europa (com recurso próprio), estudar as origens de nossa abelha cinzenta, dócil e produtiva. Na Alemanha, teve oportunidade de manter contacto com os mais afamados cientistas, que já conhecia através de sua preciosa biblioteca. Teve confirmada sua tese. Nós já temos no Brasil, através de fixação de caracteres adquiridos, uma raça nova a Apis Melifica Cárnica Brasileira (variedade), classificada por ele mesmo e confirmada pelos cientistas do velho mundo.

Assistiu, de fora, como observador incrédulo, as imensas distorções dos desavisados, em torno do problema da abelha AFRICANA e comentava entre seus alunos e amigos: "está chegando a hora de desitalianisar a apicultura sul americana".

Foi ele a Maryland. Havia chegado o grande momento do colono de Caiborá, que conhecera sapatos aos dezoito anos de idade e que não teve muito tempo para sentar nos toscos bancos escolares da redução do Bugre;

Estava em Maryland, entre os grandes da apicultura do mundo.

Que mais será necessário para coroar um esforço de mais de trinta e cinco anos?

Creio que somente na compreensão dos apicultores nacionais.

Ben Hur Marimon — Prof. de Economia, Sociologia e Administração Rural.

O Campo da vaca branca

Continuação da pag. 53

No meio da selva, em Serro Pelado, havia um campo limpo, entre meio de campestres e matos altos de 1 a 6 km. da costa do Rio Uruguai. Lá tem água mineral, hoje uma florcente colônia: Rincão Vermelho, Rincão Comprido povoado de gente de todas classes e nacionalidades,

hoje todos Brasileiros,

Lá, os Jesuitas tinham a criação de gado selecionado, onde as cercas eram as densas selvas; talvez já tivessem nesta época criação de gado charolez. Talvez um caçador penetrasse na selva e visse uma vaca branca, de onde surgiu esta lenda.

O mato de erva mate, não era nada mais que extintas plantações de erva mate proliferada per sementes das quais os padres e índios faziam suas safras de erva para exportar à Europa.

Esta história pertence a mesma, que os índios tocavam no meio da Selva Haendel e Haydn, em cuja história me ocorreu um lapso onde erroneamente diz, a música é o motivo desta historia, eu devia ter escrito, (caiu fora este pedaço do manuscrito, que tomei conhecimento após impresso), que o motivo da historia esta foi a apicultura, que exportavam mel e cera, principalmente da zona do Alto Paraná, Alto Paraguai e Bolívia la que era a verdadeira zona de produção do mel e cera.

E, este produto jamais foi de meliponas, mel de melipona, contém muita água, fermenta, a cera da melipona é pouca e é misturada com muita resina.

E mais ainda, o que se chama de mel de melipona, não é mel, é uma doçura produzida por muitas espécies de meliponídeos que erroneamente todo povo chama de mel.

O mel exportado nesta época é sem dúvida, mel da abelha Apis Mellifica, que é a única abelha que faz verdadeiro mel,

Bruno Schirmer

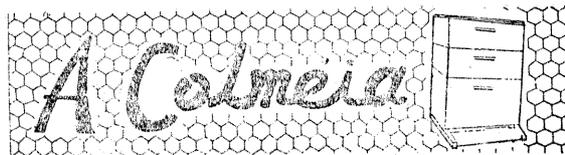


Apóie, assine e pague

A COLMÉIA »

12 Páginas de grande utilidade tudo que interessa o Reerguimento da

Apicultura



ABELHAS AFRICANAS E SUAS HÍBRIDAS

De Coriolano Caldas Filho.

3.^a continuação

continuação do n. anterior

Se a enxameação não for restringida pelo apicultor, as perdas devidas aos enxames desaparecidos e a interrupção do trabalho das abelhas provocam a miúdo a perda de boas colheitas que de outro modo se teriam obtido. Nas localidades onde a enxameação se produz justamente, em momentos em que o fluxo de néctar é muito abundante, se não for limitada pelo apicultor, se produzirão grandes perdas, chegando a miúdo até impedir que as abelhas armazenem qualquer excedente de mel, como acontece em certos climas frios; isto significa que não haverá colheita, já que se permite que as colônias dividam sua capacidade de trabalho em dois, três ou mais grupos em momentos em que há produção de néctar; essa divisão assinala em geral o fim da armazenagem de mel nas melgueiras nessa temporada, a menos que o fluxo de néctar seja desacomodadamente prolongado, o suficiente para permitir, que cada grupo se fortaleça de tal forma que possa trabalhar nas melgueiras".

A influência negativa da enxameação sobre a produção é aceita por todos, tratadistas, técnicos e apicultores, como um dogma se considerando uma mesma raça, tida como não enxameadora, a seleção continua, sendo eliminadas pelo próprio apicultor, as rainhas das colônias que revelam tendência para tais desdobramentos,

Um fato novo, que a literatura apícola africana não registra, e que divulgamos como uma contribuição para o estudo das adansonii, refere-se a "saturação" das áreas de exploração apícola.

Por mais fértil que seja determinada área, num mesmo local não se deve instalar mais de uma centena de colmeias, e chega-se a este extremo, por tentativa, acompanhando a marcha da produ-

ção e observando os fatores que favorecem-na. Desde que a média de produção caia, continuando inalteradas as condições de meio ambiente, a redução do número de colmeias é uma imposição, devendo o excedente ser transferido para um novo local, a uma distância de 5 quilômetros pelo menos, pois só assim o equilíbrio se restabelecerá. No novo local, o número de colmeias irá crescendo até alcançar o limite que a área, pelo seu fluxo nectarífico, impuser. E assim sucessivamente. Máxima produção com um mínimo de colmeias é a regra.

Sendo as adansonii migradoras, versáteis e enxameadoras por excelência, e como seus enxames naturais se refazem rapidamente, porque suas rainhas são sexualmente precoces, tanto que iniciam a desova por volta do 5.^o dia de idade (10.^a para as europeias) e suas operárias têm um ciclo evolutivo dois dias mais curto, daí a sua "saturação" das áreas de exploração, por outro. A concorrência promovida pelos enxames naturais, invasores, é tal, entre eles mesmo e sobretudo com relação aos apiários, que, não só o rendimento das colônias declina, acarretando queda de produção, como certas regiões, muito contaminadas, tidas como boas, ainda que conservando as mesmas condições ambientais, perdem a anterior importância, tornando-se improdutivas ou de baixa produção, forçado assim os apicultores a procurar novas paragens. Os menos animosos, considerando a ferocidade e a periculosidade que a mestiça gem não atenuou constantes nas abelhas portadoras desse sangue, desanimam, dispõem dos seus apiários e abandonam a antes rendosa e cativante profissão.

As fontes africanas, através dos seus mais credenciados autores, ou são omissas quando se trata de indicar a produção por colônia e por ano das adansonii, ou são imprecisas.

Ntenga, do Ministério da Agricultura de Tanganica, em artigo especial, escrito para Gaceta del Colmenar, órgão da Sociedade Argentina de Apicultores, informa que, por colheita, as colônias fortes, em anos bons, podem propor-

cionar 13,5 quilos de mel, e 4 a 5 vezes mais, ou 60.7 kg. desde que exploradas racionalmente convenientemente instaladas em colmeias de tipo Dadant Modificado especialmente adaptadas.

Kerr, em Brasil Apícola, cita E. A. Schnefirt, importante apicultor da África do Sul, que obtinha de suas colônias uma produção média de 70 kg. por colmeia e por ano.

Smith, Chefe da Divisão de Apicultura do Departamento Florestal de Tanganica, em seus alentados trabalhos publicados na Bee World, não indica a capacidade de produção anual e por colônia, das adansonii. Em sua excelente obra "Beekeeping in the Tropics" indica que os enxames naturais dão em média 13,5 kg. e que a produção média das colônias exploradas racionalmente seja de 67,5 kg.

Portugal Araujo, que conviveu conosco durante algum tempo e foi espectador das tristes ocorrências de 1965, não indica médias de produção conforme a praxe, limitando-se a indicar uma "produção máxima" de 87 kg. (60 litros).

Quanto a produção das raças nobres européias, volvamos a enciclopédia dos Root.

Contam eles que, nos Estados Unidos, Park, da Estação Experimental de Lofia, durante o período 1932-36, realizou ensaios comparativos entre as raças italianas, Caucásicas e Cárnicas, trabalhando 10 colônias de cada raça.

Durante o quinquênio, as Caucásicas jamais ocuparam o 1.^o posto, quanto a média anual de produção, mas ocuparam duas vezes o 2.^o e três vezes o 3.^o. Em 1936, proporcionarem o rendimento unitário mais elevado, de 155 kg. (as Cárnicas deram 129,7 kg. e as Italianas 124,7 kg).

Em igual período, as Italianas ocuparam duas vezes o 1.^o posto e tres vezes o 2.^o. Em 1932 esta raça deu a colônia mais produtiva, com um rendimento de 127 kg (a Caucásica deu 118,8 kg. e a Cárnica 97 kg.).

As Cárnicas começaram ocupando o 3.^o lugar, passaram para